



Quando trabalho em coisas pessoais, trabalho a partir das memórias dos outros e tento encontrar algo universal. Para mim, esta história era uma história de violência, uma tragédia quase escrita de antemão. As tentativas de suicídio de Griselda, o facto de ter levado um tiro na cabeça e a bala ter lá ficado, tudo isso é autêntico,

está nos jornais da época. Mas é verdade que houve uma série de elementos que eu tentei juntar. Um dos momentos mais fortes, para mim, foi o dia em que estive com [a professora] Colette e [o marido dela] René, que me contaram o papel que tinham desempenhado, me falaram sobre Flavia, sobre esta menina que foi

mantida no escuro – os adultos não lhe podiam falar desse dia.

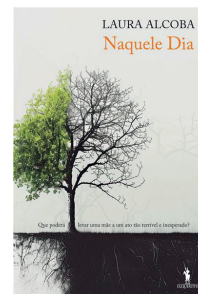
Apesar de ela perceber tudo...

O mais importante, para mim, foi o facto de eu estar convencida há muito de que não se pode esconder nada às crianças, que as crianças sabem sempre. Para mim, Flavia é o coração do livro – a força da infância, a resiliência, a forma como não se pode esconder nada das crianças. Certas histórias trágicas, histórias extremas, dizem algo sobre a loucura, a morte, mas também o amor. E, para mim, tem sido uma provação e, ao mesmo tempo, um grande alívio escrever este livro. Digo a mim própria: a Flavia existe, é possível ser a Flavia depois de uma história como esta. Para mim é uma história de resiliência com letra maiúscula. Era isso que eu queria, o que retirei desta história. É verdade que me contaram coisas que não estão no livro. Mas eu trabalho sempre a partir de um quadro... Fiz questão de mudar as suas identidades, para que não fossem reconhecíveis, mudei um pouco as localizações em Paris. Eles reconstruíram as suas vidas, não se tratava de destruir o que tinham reconstruído. Fiz muito para proteger a identidade destas pessoas, porque elas depositaram muita confiança em mim.

Quando se chega ao fim do livro, há duas coisas que podem surpreender: os sentimentos contraditórios que ficam em relação a Griselda e o facto de ser mais uma história de perdão do que de acusação.

O ato continua a ser insuportável. **Estava a falar da aceitação por parte da filha, do marido, que continuam a viver com Griselda depois de tudo o que ela fez... Quando geralmente as famílias envolvidas neste tipo de crime separam-se...**

É um abismo, mas o abismo faz parte do ser humano. Não há monstros. Há humanos que saem dos carris, que atravessam uma linha que não deve ser ultrapassada. Griselda está destrocada. Ela falou-me dos abusos que sofreu em criança. Ela própria diz: “Estou a contar-te isto para que saibas quem sou, mas não pretendo justificar o que fiz.” Ela não se consegue perdoar a si própria. Já me perguntaram se Flavia e Griselda leram o livro antes de ser publicado. Claro. Lembro-me de que Griselda teve uma reação incrível. Disse-me: “O horror do teu livro sou eu, é normal.” Por-



NAQUELE DIA

Laura Alcoba

Dom Quixote

176 páginas

que é assim que ela se vê. Mas também disse: “Obrigada por veres a beleza da Flavia.” Isso diz muito sobre a reação dela. Penso que foi porque Flavia estava lá que ela conseguiu reconstruir a sua vida. Por estranho que pareça, tenho de admitir que, se me tivessem contado esta história, uma mãe que comete infanticídio, acaba por cumprir uma pena de prisão muito curta. Nove meses, a duração de uma gravidez.

O que é perturbador também, a Laura sublinha-o no livro...

Nove meses, é incrível. E há a aposta da advogada de dizer que esta mulher é um caso psiquiátrico, que vai receber ajuda e vai reconstruir-se como mãe. É uma aposta louca. Não sei se teria concordado quando a sentença foi proferida. Mas o que posso dizer hoje é que ela tinha razão. Griselda continua frágil, é óbvio. A Flavia, ambas estão a aguentar-se. Não creio que Griselda se tenha tentado suicidar depois.

Mas já tinha tentado antes. Sabemos que ela sofreu abusos sexuais em criança, que tinha uma relação muito difícil com a mãe – La MADRE, como é referida no livro. As várias tentativas de suicídio... Isso foi ultrapassado depois daquele dia?

Por fim, ela deixa de querer a morte. Porque a certa altura ela sente-se responsável por Flavia. É em torno desta ligação que ela emerge. E é incrível. Portanto, também é um livro estranhamente sobre o amor, além de ser sobre um crime insuportável. Há um depois possível. Isso é o que é importante. O que me interessou foi como era possível sobreviver a isso. Não estou a dizer que respondi à pergunta. Tentei recolher o que me deram em termos de histórias. Acredito que existe uma força incrível na infância. Flavia é a criança que sobrevive e mantém tudo unido desde o momento em que é salva por Colette. A

fada boa da história é Colette. Há muitos elementos no livro que eu queria tratar com referências aos contos infantis. *La MADRE*, com tudo o que representa, é um pouco a madrasta. Essa mãe que a rejeita e que faz com que Griselda não seja verdadeiramente mãe senão depois desse ato a que ela chega. Griselda continua a ser alguém que carrega dentro de si o horror da sua ação. Para sempre. Não se trata de dizer que está tudo bem. Não podemos dizer que está tudo bem.

Griselda ainda carrega esse fardo. E Flavia?

Absolutamente. Ela escolheu não ser mãe. Para ela, a maternidade é algo complicado de imaginar. Mas Flavia é uma pessoa que trabalha com a luz. É uma fotografia de uma generosidade incrível que acompanha as situações humanas no mundo, que trabalha muito para ONG. Flavia é possível depois de uma história destas. E esse é o milagre. Ela é o milagre.

Naquele Dia tem pontos comuns com outros romances seus. Esta experiência da comunidade argentina em França é importante na sua escrita?

Sim, mas passa-se em França com uma família argentina, mas podia passar-se em qualquer lugar. O que acho extraordinário é que numa história de violência como esta surge uma criança que carrega uma força louca. E esse é um dos temas a que volto frequentemente na minha escrita, que é a resiliência da infância. Temos a Argentina, os exilados, que estão lá, claro, mas é uma história universal. E o que me fascinou nesta história foi a lucidez da criança, de quem nada se pode esconder, a criança que entendeu tudo, e que consegue superar tal história e finalmente salvar os adultos. Porque, em última análise, é Flavia quem salva a mãe. A mãe matou os irmãos dela e é ela quem torna possível a sobrevivência psicológica da mãe. A luz vem de Flavia, auxiliada pela Colette. Das profundezas do abismo, surge um pouco de luz.

Este livro foi publicado em França em 2022. Quais são os seus próximos projetos?

Há um livro que será publicado no próximo ano pela Gallimard, talvez em fevereiro. E é também uma investigação. É sobre um filme desaparecido, que foi destruído pelos produtores em 1936. É uma história verdadeira. Vou no encalce desta destruição, mas contada a partir dos dias de hoje.